



Portugal: Cem Anos sem um Grande Homem de Estado

Publicado em 2025-06-16 10:05:00



Portugal: Cem Anos perdidos!

Por Francisco Gonçalves & Augustus Veritas

Num país que deu novos mundos ao mundo, é chocante constatar que, nos últimos cem anos, **Portugal não produziu um único estadista de grandeza histórica.**

Um século inteiro, e tudo o que sobra para celebrar — no imaginário popular — são os nomes de **Amália, Eusébio e Cristiano Ronaldo.** Com todo o respeito, isto é revelador: **Portugal deixou de ser uma pátria de pensamento e passou a ser um palco de entretenimento.**



A política dos pequenos

Desde o final da Monarquia, passando pela ditadura e pela dita democracia, **nenhuma figura política portuguesa conseguiu, verdadeiramente, deixar uma marca transformadora, duradoura e digna de reverência histórica.**

- **Salazar** deixou-nos o medo e o atraso, não a liberdade.

- **Mário Soares** soube mover-se no palco europeu, mas comprometeu-se com os poderes económicos.
- **Guterres, Cavaco, Sócrates, Passos, Costa...** todos tecnocratas do sistema, gesticuladores do possível, mas nunca visionários.
- E **Marcelo**, esse encantador de microfones, é um símbolo perfeito da política-espetáculo: muita selfie, pouca substância.

Onde estão os nossos De Gaulles, os nossos Mandelas, os nossos Brandts?

Onde está o estadista que ouse dizer “basta” ao ciclo vicioso da corrupção, do compadrio e do conformismo?

Um povo órfão de liderança

Na ausência de estadistas, **ficámos órfãos de rumo**.

E é nessa orfandade que a cultura popular se tornou o último refúgio simbólico:

- **Amália**, a voz da melancolia eterna.
- **Eusébio**, o herói do povo com chuteiras em vez de espada.
- **Ronaldo**, a máquina de sucesso individual — espelho da ambição que o país já não cultiva.

Mas isto basta para alimentar uma nação?

Portugal não pode viver apenas do fado e do futebol.

A alma de um povo constrói-se com ética, pensamento, coragem e ação.

Cem anos a gerir a decadência

Portugal dos séculos XX e XXI foi um país **gerido**, não liderado.

Administrado por políticos de expediente, não por visionários de causas.

E é isso que nos afunda:

- Reformas feitas a medo.
 - Educação refém de ideologias e cortes.
 - Justiça que serve os fortes e persegue os frágeis.
 - Um povo com alma, mas sem voz.
-

O que fazer?

Talvez esta ausência de grandes figuras seja o sinal mais claro de que chegou a hora de **não esperar mais por salvadores**.

O novo estadista não virá de dentro do sistema — **virá das margens**.

Do cidadão que se recusa a calar.

Do escritor que denuncia.

Do jovem que não emigra, mas confronta.

Do povo que deixa de votar como carneirada e começa a pensar como soberano.



Um país antigo com futuro por escrever

Portugal tem séculos de glória, mas **o presente envergonha a memória.**

Está na hora de deixar de nos contentarmos com políticos pequenos e promessas vazias.

Queremos um país digno.
Com voz, com causa, com verdade.
E, se não houver um grande homem de Estado...

Que surja, então, um grande povo de Estado.



Publicado em *Fragmentos do Caos*

Por Francisco Gonçalves & Augustus Veritas

**“Cem anos passaram e Portugal não produziu um único grande homem de Estado.
O poder foi entregue a gestores do declínio, a operadores do sistema, a vaidosos de microfone.
Mas nós, povo sem medo e com memória, não nos vergamos:
Exigimos grandeza.
Reclamamos coragem.
E se não houver quem nos guie...
então seremos nós a levantar Portugal do chão.”**

— *Francisco Gonçalves*
